

A AÇÃO DA SUPERVISÃO ESCOLAR E DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NA GESTÃO ESCOLAR

Alan José Batista Simões

Faculdades Integradas de Patos (FIP); alanjsimoes@hotmail.com

Resumo: Este artigo enfoca o trabalho da Supervisão Escolar e do Orientador Educacional junto a Gestão Escolar, destacando a importância das ações que o supervisor escolar e orientador educacional tem para o trabalho de gestão escolar de forma democrática dentro da escola. Esta pesquisa realizou-se a partir de uma fundamentação teórico-bibliográfica de publicações de livros, artigos, revistas e documentos sobre o tema. Buscou-se com a mesma, refletir sobre a ação destes profissionais da educação em um trabalho conjunto com a gestão escolar, visando melhorias na qualidade da educação e, conseqüentemente, para a aprendizagem dos alunos. As conclusões, após a pesquisa, confirmam que o trabalho coletivo, onde a participação de todos, dividindo tarefas e responsabilidades nos diferentes níveis de decisão é essencial para assegurar o eficiente desempenho da equipe escolar uma vez que fomenta, nesta equipe, o sentimento de parte deste universo, contribuindo para melhorias na escola.

Palavras-chave: Supervisão Escolar, Orientação Educacional, Gestão Escolar

INTRODUÇÃO

A vitalidade da escola está, indiscutivelmente, relacionada à competência, ação e integração das pessoas que trabalham nela. Debater a ação da Supervisão Escolar e da Orientação Educacional na Gestão Escolar é o ponto de partida deste estudo. O foco dessa discussão busca a compreensão de que o trabalho realizado pelo supervisor escolar e pelo orientador educacional de forma isolada, e sem interação nenhuma com a gestão escolar, não contribui para as mudanças inovadoras propostas para o sistema educacional atual.

Vários estudos e publicações sobre o tema proposto já foram colocados em circulação, principalmente quanto à formação destes profissionais. Mas, alguns profissionais desconhecem esta realidade, e sua prática pedagógica tem se limitado ao trabalho fragmentado, meramente tecnicista, onde cada um preocupa apenas com o seu trabalho isolado, sem nenhuma cooperação com o outro profissional. Outros têm encontrado dificuldades para se adaptar a essas mudanças.

Novos tempos. Novos desafios. Com ele a necessidade de mudança e de transformação. Essa velocidade acelerada no processo exige que estejamos preparados para constantes adaptações e readaptações, mas nem sempre se está preparado para estas exigências.

Fazer uma reflexão sobre a ação do supervisor escolar e do orientador educacional na gestão escolar é visualizar um profissional comprometido com processos de aprendizagem, estimuladores da construção de conhecimentos e das competências necessárias para pensar e agir com horizontes amplos.

Da mesma forma que todo gestor escolar precisa ser um educador, supervisores escolares e orientadores educacionais, em nenhum momento, deixam de ser educadores. Sua presença, seu comprometimento com o outro e com as aprendizagens são muito importantes. Suas atividades e funções lhe conferem destaque no contexto escolar, requerendo coerência entre o discurso e a prática, buscando um modelo transformador. No contexto atual não cabe mais deixar de pensar que todos os educadores precisam ser atuantes e capazes de questionar a educação, redimensionando sua prática.

Lück (2009, p. 83) corrobora o que foi apresentado quando destaca que a escola necessita está constituída e organizada para um ambiente de aprendizagem, onde a figura do gestor escolar se mostre líder em estreita co-liderança com seus colaboradores, neste caso, em estudo, destaco a supervisão escolar e o orientador educacional. Conseqüentemente, o gestor escolar é líder educacional que mobiliza e orienta a todos os participantes da comunidade escolar na facilitação do desenvolvimento das ações educacionais, o papel da escola e de todos nela participantes, de forma articulada e unida.

ABORDADAGEM METODOLÓGICA

Este artigo, baseado na pesquisa feita a partir de levantamento bibliográficos de diversos estudos sobre o tema, foi organizado em duas seções, além da introdução acima. A primeira seção discorre-se brevemente sobre a importância do trabalho integrado entre a supervisão escolar e orientação educacional, fazendo um estudo mais conceitual do papel destes profissionais. Na segunda seção, destaca-se a ação destes profissionais junto à gestão escolar, abordando alguns métodos a serem utilizados e os resultados esperados/alcançados. Por fim, apresentamos algumas conclusões possíveis para o estudo, destacando as implicações dos resultados observados para o debate sobre a importância da interação das pessoas que trabalham em prol da educação, neste caso, destacando a ação da supervisão escolar, orientação educacional e da gestão escolar.

A SUPERVISÃO ESCOLAR E A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL: UM TRABALHO INTEGRADO

A prática pedagógica da Supervisão Escolar e da Orientação Educacional como um trabalho integrado é uma proposta que surge ocupando o lugar de uma postura tradicional, de um trabalho totalmente técnico – e, em uma determinada época, alienante - que passou por vários períodos de transformação, desde o surgimento das ações destes profissionais no processo de educação formal.

A esse respeito Fontes & Viana (In Presença Pedagógica, 2003, p.55), acrescenta que:

Pensar o papel e a prática de supervisores e orientadores educacionais na escola é pensar antes de tudo em seu surgimento na história da educação em nosso país.[...] foram funções pedagógicas criadas durante o regime de ditadura militar no Brasil[...] um sistema que tinha como ideologia a opressão; como método o silêncio, por objetivo, a alienação.

Pensando nisso, a ação integrada da Supervisão Escolar e da Orientação Educacional tem sido um tema bastante debatido por estudiosos, partindo daí tantas publicações e debates em torno deste assunto, principalmente sobre formação e a atuação desses profissionais, para atender a realidade educacional.

Supervisão Escolar e Orientação Educacional são funções pedagógicas que surgiram de modo a cada um fazer o seu papel, de forma fragmentada, com campo de atuação distinto. O primeiro, durante muito tempo, teve o seu campo de trabalho voltado exclusivamente aos professores, já o segundo tinha como função exclusiva trabalhar com os alunos. Mas, segundo Urbanetz & Silva (p.61), “a fragmentação do trabalho [...] em supervisão escolar e orientação educacional, característica do período tecnicista, foi intensamente denunciada em inúmeros estudos, artigos, pesquisas [...] e encontra-se em plena superação nas diferentes alternativas de ensino.”

A partir de muitos estudos, artigos e outras publicações ficou comprovado a ineficiência do trabalho destes profissionais da maneira fragmentada como acontecia. Foi então que surgiu a necessidade de um processo de transformação que buscasse a unidade destes especialistas de modo a atender as propostas inovadoras que apareceram na educação. Neste caso, existe uma preocupação “não somente a formação do supervisor ou do orientador

necessitou mudar, como também, e principalmente, sua mentalidade e linha de atuação” (FONTES & VIANA, in Presença Pedagógica, 2003, p.57)

Urbanetz & Silva (p.54) afirma que:

Uma proposta pedagógica inovadora não pode perder de vista as metas a atingir. [...] A gestão pedagógica que não tem consciência de seu papel no processo de mudança repete cegamente as práticas já existentes, sem o questionamento sobre a realidade social que a escola se insere.

Em função desta reflexão, hoje, a função da Supervisão Escolar e da Orientação Educacional precisa ter o mesmo discurso e a mesma ação, de maneira que o seu trabalho dê sentido ao conhecimento do aluno, inserindo-o na realidade e tornando-o crítico, criativo e cidadão. Sendo assim, Urbanetz & Silva (p.59) ressalta ainda que “um dos maiores desafios que esses profissionais hoje enfrentam é compreender a complexidade da realidade, em suas múltiplas determinações, para então agir de forma consciente de seus limites, mas também de suas possibilidades.”

Uma alternativa de destaque na prática pedagógica, que é objeto comum a todos os profissionais na área educativa, é a pesquisa, por ser quase obrigatória e muito constante, em educação. Conforme Rangel (in Ferreira, 2002, p.95) “a pesquisa amplia a compreensão do processo didático, das ações e relações que nele tem curso, propiciando decisões fundamentadas, perspectivas de avanços do conhecimento e das práticas”.

A pesquisa propicia não só a supervisão escolar, como também a orientação educacional, um entendimento de que o professor é participante ativo e fundamental na produção do conhecimento, como também aproxima o conjunto de profissionais inseridos na escola, onde a experiência de cada um será objeto de análise para que toda a comunidade escolar possa re-significar sua ação dentro da escola. É um movimento de ação/reflexão, reflexão/ação.

Como saliente Lück (2009, p82):

“Educação é processo humano de relacionamento interpessoal e, sobretudo, determinado pela atuação de pessoas. Isso porque são as pessoas que fazem diferença em educação, como em qualquer outro empreendimento humano, pelas ações que promovem, pelas atitudes que assumem, pelo uso que fazem dos recursos disponíveis, pelo esforço que dedicam na produção e alcance de novos recursos e pelas estratégias que aplicam na resolução de problemas, no enfrentamento de desafios e promoção do desenvolvimento.”

As questões referentes à educação precisam ter o comprometimento e aprimoramento da prática, na escola, dos profissionais que nela atuam, de modo que, o que é importante, não fique em segundo plano, e a ação integrada da Supervisão Escolar e da Orientação Educacional, é peça fundamental nessa construção do trabalho coletivo, e uma vez assumida de forma coordenada, facilita essa prática, mobilizando a escola a assumir o verdadeiro papel que ela está imbuída e, conseqüentemente, trazendo benefícios à educação.

A AÇÃO DO SUPERVISOR E DO ORIENTADOR NA GESTÃO ESCOLAR

Os profissionais em Supervisão e Orientação precisam ter consciência de que tem um papel importante, dentro de uma perspectiva de gestão democrática na escola. Não se pode mais pensar em gestão da educação, principalmente nas escolas, ligado apenas na figura do diretor. É preciso, no entanto, rever concepções e buscar, com o coletivo da escola, novas propostas pedagógicas que visem atender as necessidades atuais, as quais exigem que a escola cumpra sua função social, desenvolvendo ações voltadas para a humanização e a transformação da realidade atual.

Conforme Grispun, (2002, p.83)

[...] A escola é uma organização complexa; comporta vários serviços, executados por diferentes profissionais, cuja atribuição maior é a efetividade do processo educacional. Nesse sentido, devemos lembrar que, da mesma forma que a escola assume seu projeto político pedagógico, ela pertence a uma instituição maior, denominada educação, que, por sua vez, pertence à sociedade. Assim sendo, a análise da escola não pode ser feita isoladamente das demais categorias que a corporificam direta e indiretamente na consecução de seus objetivos.

O supervisor escolar e o orientador educacional diferenciam-se do professor e do diretor. O diretor ou gestor administra a escola como um todo; o professor cuida da especificidade de sua área do conhecimento; o supervisor escolar fornece condições para que o docente realize a sua função da maneira mais satisfatória possível e o orientador educacional cuida da formação de seu aluno, para a escola e para a vida.

O supervisor escolar e o orientador educacional são sujeitos de uma ação, dentro de um espaço em transformação e transformador – a escola. Precisam ser competentes em muitos aspectos, como: técnico, político, administrativo e pedagógico.

No aspecto técnico, estes profissionais precisam compreender os processos de organização do trabalho. No aspecto político, devem articular a verdadeira função da escola em relação à “vida”, ela é a vida – é um espaço de geração de mudanças para a transformação da sociedade.

Já no aspecto administrativo, compete a esses profissionais a participação nas decisões de todas as ações da escola. É justamente neste aspecto que se destaca a participação do supervisor e do orientador junto a gestão escolar, e que estes profissionais devem se mostrar competentes dentro de seu papel, mas de maneira coletiva.

No aspecto pedagógico, toda a ação destes profissionais deve estar voltada para o sucesso do processo ensino aprendizagem, numa relação dialética com os professores e demais profissionais da educação, articulando um processo que permita os repensar das ações e garantir a qualidade do fazer pedagógico.

Citando Machado (2003, p.80):

A gestão democrática – a participação da comunidade na gestão das unidades escolares – evidentemente não pode ser descartada. Mas para que ela ocorra no âmbito da prática, há necessidade de que se tenha uma escola com maior autonomia. São necessários objetivos educacionais e de gestão colocados com clareza e sinceridade.

Diante do exposto, fica claro que o trabalho destes profissionais não é uma “função”, muito pelo contrário, é um trabalho de gestão, de tomada de decisões com o diretor e os demais profissionais da educação responsáveis pela escola.

O gestor escolar tem que ter a dinâmica de estimular e mobilizar a participação de todos os profissionais da educação. Precisa ter um olhar atento, pautar-se em elementos fundamentais e ser estimulados constantemente pelo gestor, como: motivação, compartilhamento de responsabilidades, comunicação e outros.

De acordo com Heloísa Lück (2009), a **motivação** é um fator essencial haja vista o impacto desse elemento no desempenho geral da escola. Um corpo docente desmotivado pode contribuir para um trabalho desinteressado e desinteressante, além de divergir dos objetivos da escola. Por essa razão, o gestor escolar precisa, na rotina escolar, fortalecer o espírito de equipe, de modo que os profissionais se sintam autores e autoridades em seu ambiente de trabalho. Então, o supervisor escolar e o orientador educacional, se considerados como parte integrada desta equipe, participa mais ativamente e colaborativamente desta ação gestora.

Outro fator importante é o **compartilhamento de responsabilidades**. Dividir tarefas e responsabilidades é uma estratégia importante para o gestor escolar. Na medida em que a responsabilidade acerca das decisões educacionais e dos projetos pedagógicos é compartilhada, o corpo escolar se sente parte desse universo e contribui para a sua melhoria.

A **comunicação** é o elo que une todos esses pontos no fazer educacional. Para isso, o gestor escolar precisa sempre incentivar o diálogo aberto e contínuo, com todos que compõem a comunidade escolar. Diante de possíveis tensões e conflitos, inerentes ao universo educacional, investir em uma boa rede de comunicação e relações interpessoais não só amplia a organização social da escola, como também centraliza os objetivos comuns em torno da aprendizagem.

Não é uma tarefa simples. Não chega a ser uma tarefa tão complicada. Ela demanda uma série de ações do gestor de forma integrada com sua equipe. E é nessa articulação que se forma uma visão em comum sobre a educação e, conseqüentemente, sobre o papel e os objetivos da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluído os estudos deste tema - mas com a consciência de que as discussões não param por aqui – destaca-se que, dentro da escola, não se concebe mais o trabalho da supervisão escolar e da orientação educacional de forma fragmentada, e muito menos distante da gestão escolar, uma vez que esta forma de trabalho não articula teoria e prática, como também foge das mudanças necessárias a nova proposta pedagógica.

É uma ação conjunta, bem articulada, visando dá sentido aos trabalhos no âmbito educacional, de forma a garantir que os objetivos que a escola traçou sejam alcançados.

O trabalho escolar é uma ação de caráter coletivo, realizado a partir da participação conjunta e integrada dos membros de todos os segmentos da comunidade escolar. Assim, o envolvimento de todos os que fazem parte, direta ou indiretamente, do processo educacional no estabelecimento de objetivos, na solução de problemas, na tomada de decisões, na proposição, implementação, monitoramento e avaliação de planos de ação, visando os melhores resultados do processo educacional, é imprescindível para o sucesso da gestão escolar participativa.

NÓVOA (1999, p. 25) dirá que “o funcionamento de uma organização escolar é fruto de um compromisso entre a estrutura formal e as interações que se produzem no seu seio, nomeadamente entre grupos com interesses distintos”.

A participação dá às pessoas a oportunidade de controlar o próprio trabalho, sentirem-se autoras e responsáveis pelos seus resultados, construindo, portanto, sua autonomia. Ao mesmo tempo, sentem-se parte orgânica da realidade e não apenas um simples instrumento para realizar objetivos institucionais. Mediante a prática participativa, é possível superar o exercício do poder individual e de referência e promover a construção do poder da competência, centrado na unidade social escolar como um todo.

Enfim, para finalizar este artigo - e somente o artigo, mas com a certeza de continuidade das discussões sobre o tema – destaca-se a necessidade de que sejam tomadas medidas que garantam que estas mudanças sejam efetivadas e que os educadores – refiro-me não só a professores, mas também a supervisores escolares, orientadores educacionais, diretores, etc - compreendam a realidade que está posta e a qual nos determina a realizar.

Portanto, deve-se colocar em nossa prática educativa uma Ação Pedagógica em conexão com os objetivos educacionais propostos pela escola, dentro de uma concepção crítica da educação, onde a prática coletiva transformadora seja nossa tarefa diária e constante, assumida por todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES, Rejane de Souza; VIANA, Simone Rodrigues. **Supervisão e Orientação:** outras palavras necessárias. IN: PRESENÇA PEDAGÓGICA. v.9, nº49, p. 55-61, jan./fev. 2003.

GRISPUN, Miriam P. S. Zippin. **A Orientação Educacional. Conflito de paradigmas e alternativas para a escola.** São Paulo: Cortez, 2002.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões da gestão escolar e suas competências.** Curitiba: Positivo, 2009.

MACHADO, Lourdes Marcelino (Coord.) e MAIA, Gaziela Zambão Abdain (Org.) **Administração e supervisão escolar:** questões para o novo milênio. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

NÓVOA, António (Coord.). **Para uma análise das instituições escolares.** In: As organizações escolares em análise. 1999.

RANGEL, Mary. SUPERVISÃO: do sonho à ação – uma prática em transformação. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto (org). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade.** Cortez. Cap. 3, p. 69 – 96.

URBANETZ, Sandra Terezinha; SILVA, Simone Zampier. A busca da Unidade: Pedagogo. In: _____ . **Orientação e Supervisão Escolar:** caminhos e perspectivas. Editora IBPEX. Cap 3, p. 53 – 62.